

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



denominação
Fazenda Bom Retiro

código
AV - FO5 - Sap

localização
Rodovia BR-393, Anta - 2º Distrito de Sapucaia - RJ

município
Sapucaia

época de construção
século XIX

estado de conservação
detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original
pecuária / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma / tombamento

proprietário
particular



fonte: IBGE - Anta



Fazenda Bom Retiro, fachada principal

coordenador / data **Sonia Mautone Rachid - abr 2010**
equipe **Sonia Mautone Rachid, J. Roberto M. Ribeiro e Marcos Vinícius Silva Gomes**
histórico **Sonia Mautone Rachid**

revisão / data
Thalita Fonseca - mai 2010



situação



ambiência

No Km 142 da Rodovia BR-393, localidade de Anta (2º Distrito de Sapucaia – RJ), seguir pela Rua Paschoal Alvine para ter acesso à Estrada Anta-São José. Após percorrer dois quilômetros em leito de terra batida, dobrar à esquerda, onde 200 metros à frente se pode ver a entrada da fazenda protegida por uma cerca rústica (f01). À frente da porteira, o caminho que leva à sede encontra-se bem definido sobre o gramado, e à sua direita, situa-se o curral de estrutura de madeira recoberto por telhas francesas (f02).

O casarão da fazenda se destaca ao longe na paisagem, emoldurado pelos morros cobertos por pastagem, tendo à sua frente o largo gramado e a copa do frondoso jameiro aos fundos (f03). Na mata do entorno, é possível encontrar animais, como pacas, capivaras, lebres e pássaros, entre estes a pomba mineira, sanhaço, azulão e sabiá.



01



02



03

Na lateral direita, uma extensa murada em pedra seca serve de arrimo para o que restou do antigo pomar de jabuticabeiras e mangueiras (f04), que conta atualmente com novas espécies frutíferas: uns poucos pés de jabuticaba, caju, pitanga, abiu e alguns cítricos.

A grande murada em pedra, com aproximadamente 100 metros de comprimento, se inicia junto à cerca frontal (f05) – à direita desta – e avança além das edificações de serviços. Era originalmente encimada por um gradil em ferro fundido e robustas pedras talhadas, formando uma extensa canaleta por onde escoava – pela ação da gravidade – a água que abastecia o antigo curral na entrada da fazenda e o tanque de serviços no quintal (f06). Do gradil só restam as perfurações de sua fixação (f07), mas a canaleta se manteve, embora hoje não mais para escoamento da água.

Próximo ao acesso principal da casa-sede da fazenda, nasce um muro alto que encobre a visão da fachada lateral direita da casa (f08). Junto a casa, em continuidade a esse muro, destaca-se um belo arco esculpido em pedra, cujo vão permite acesso ao amplo espaço de serviços (f09).

Neste fica localizado o grande tanque em cantaria (f10), que servia à lavagem da roupa, e uma escada em blocos de pedra que conduzem ao pomar.

As instalações da fazenda foram assentadas sobre sete platôs (f11), cujos arrimos de pedra vão desde o pomar, no ponto mais alto do terreno, até a base do morro, onde estão as ruínas de um antigo moinho – do qual resta apenas o eixo de fixação da roda –, do tanque de lavagem do café (f12) e da antiga pocilga (f13).

Próximo, encontra-se um curral desativado e registros de que a fazenda possuiu no passado um engenho de cana.

Acima do pomar está a robusta caixa d'água em pedra e cobertura de telha capa e bica (f14), que ainda hoje abastece a casa com a água que chega de uma nascente na serra.



04



05



06



07



08



09



10



11



12



13



14

O antigo paiol se localizava na frente do terreno, à esquerda da porteira de acesso, junto à outra murada de pedra. Esta se encontra parcialmente escondida pela vegetação, e é interrompida por uma escada de acesso ao platô, local em que um dos tanques de lavagem de café foi transformado em piscina (f15) e de onde parte o caminho até a várzea, também tomado pela vegetação (f16).

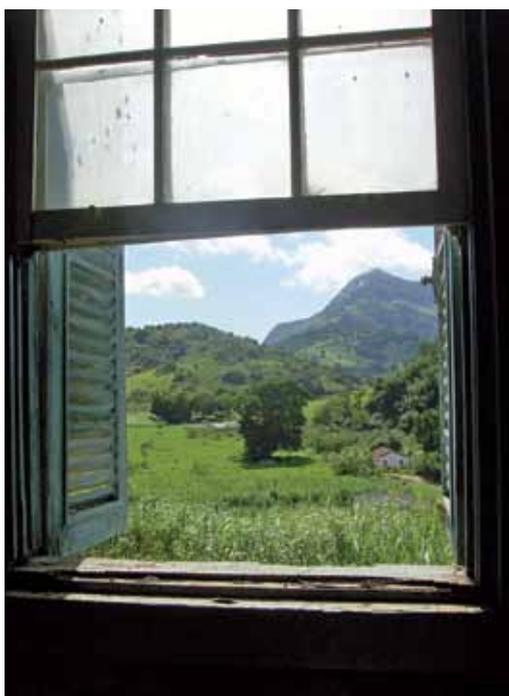
Um pouco mais afastado, estende-se o antigo terreiro que recebia os grãos de café para secagem (f17). As canaletas de pedra que conduziam tais grãos estão sob o matagal. Hoje, o ingresso a este terreiro ocorre através de escada localizada junto ao porão aberto da edificação mais nova, ou seja, um rancho em alvenaria e cobertura de telha canal usado como depósito de ferramentas (f18). Neste local encontra-se ainda a casa do caseiro.



15



16



17



18

A casa-sede possui um arcabouço autônomo em forma de gaiola estrutural, com pilares, madres, frechais e barrotes de seção quadrada, apoiados sobre bases de pedra e fechamento com paredes de pau a pique caiadas de branco. A cobertura de ponto alto tem telhas cerâmicas de capa e bica, beiral arrematado em madeira na cor verde e cimalha caprichosamente finalizada sobre as janelas nas fachadas frontal e lateral esquerda, acompanhando o arco de cada verga (f19). Os cunhais são em madeira com base em cantaria e recebem no topo acabamento em cornija (f20).

A fachada frontal (f21) chama especial atenção pelo ritmo e sequência das belas janelas do pavimento superior, com vergas em arco abatido, tipo canga de boi, guarnecidas por guilhotinas de caixilhos brancos com vidro. Ao centro, destacam-se as oito janelas geminadas que fazem o fechamento da varanda de acesso, complementadas por mais duas janelas isoladas nas extremidades sobre o pano das alvenarias. No porão, as três portas frontais, também com vergas em arco abatido, fogem à simetria com a porta do meio descentralizada.



19



20



21

É na fachada lateral direita que se encontra o acesso principal ao casarão, que é feito por uma rampa (f22) no local onde existia, junto à murada de pedra, uma escada (f23). Ali está a portada principal com cercadura em madeira, verga em arco abatido e guarnecida por duas folhas almofadadas. No mesmo patamar no alto da extinta escada, aparece o vão arqueado em cantaria – cujas marcas revelam que também existiu ali um portão de fechamento (f24). Através deste portal, é possível ter acesso à lateral alteada da casa, cuja calçada é em lajeado de pedra recoberta por cimento.

Esta fachada apresenta oito janelas que, diferentemente da fachada frontal, são vãos pequenos e de vergas retas, que abrem para o interior com duas folhas de madeira cegas divididas em postigos, e, externamente, possuem caixilhos de vidro e venezianas (f25). A porta, seguindo o estilo, possui folhas cegas almofadadas, com abertura voltada para a sala de jantar. As duas últimas janelas, em tom azul mais vivo, indicam o espaço reformado que substituiu a antiga cozinha. Por fim, o vão mais à direita acessa o interior da casa pelas dependências de serviço.

Na fachada posterior (f26), observa-se, no pavimento superior, a área de serviço – onde está a balsa da cozinha – e o vão sem esquadria do banheiro. No trecho à direita, mais recuado, duas guilhotinas geminadas de verga reta, que iluminam e ventilam a copa, e ao lado delas, duas janelas com venezianas, também de verga reta, pertencentes a um dos quartos do casarão (f27).



22



23



24



25



26



27

A sede foi implantada próxima a um desnível do terreno, tendo como arrimo um dos maciços paredões de pedra que acabou por formar a parede lateral do porão habitável que ocupa toda a área térrea da casa (f28 e f29). Nesta fachada, observam-se os pilotis de concreto armado à esquerda, sob os quais se encontra uma das portas, e à direita, uma das janelas do porão (f26).

Na fachada lateral esquerda, é possível notar que o conjunto de esquadrias mantém a verga em arco abatido. No pavimento superior, são sete janelas distribuídas nos dormitórios do casarão, abrindo para o exterior em duas folhas de venezianas (f30) complementadas internamente por guilhotinas, e no porão, cinco janelas e duas portas, que possuem folhas cegas com friso central. O desnível para alcançar o porão é vencido por escada de pedra.

Pela portada principal, se tem acesso ao interior da sede, que apresenta todo o assoalho das alas – social e íntima – em tabuado de madeira, assim como os rodapés, enquanto as dependências de serviço possuem piso de cimento liso com vermelhão, inclusive o banheiro interno, que possui meia parede azulejada (f31).



28



29



30



31

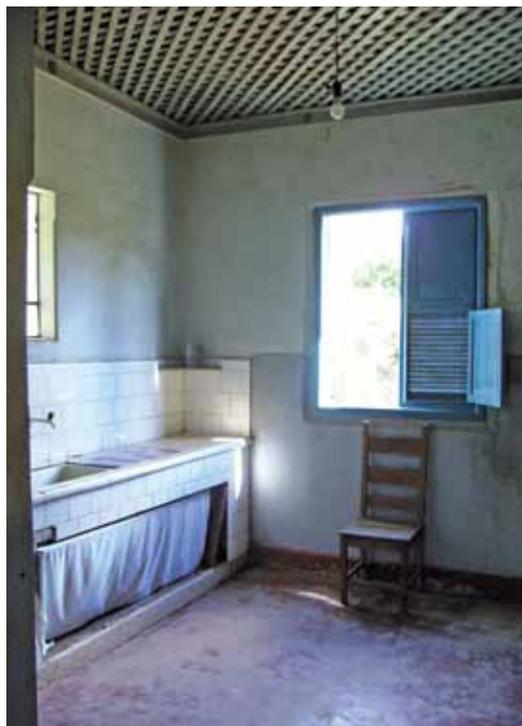
Assim como as externas, as paredes internas são caiadas de branco. Em alguns cômodos, surgem tons pastéis em rosa, azul e verde; a varanda e as salas de estar e jantar possuem um barrado em meia parede com textura decorativa e arrematada com friso de madeira (f32); nos espaços de serviço, existe um barrado pintado em tons de azul, cinza e verde.

O forro original em saia e camisa na cor branca – e tom creme na sala de estar – reveste quase toda a área íntima e social da casa. As exceções são: a varanda, um quarto e o banheiro dos fundos, nos quais o telhado encontra-se aparente; além da cozinha, onde o forro é uma treliça de madeira (f33). No banheiro maior, uma laje sustenta a caixa d'água.

O acesso principal a casa leva diretamente ao avarandado da fachada frontal (f34 e f35).



32



33



34



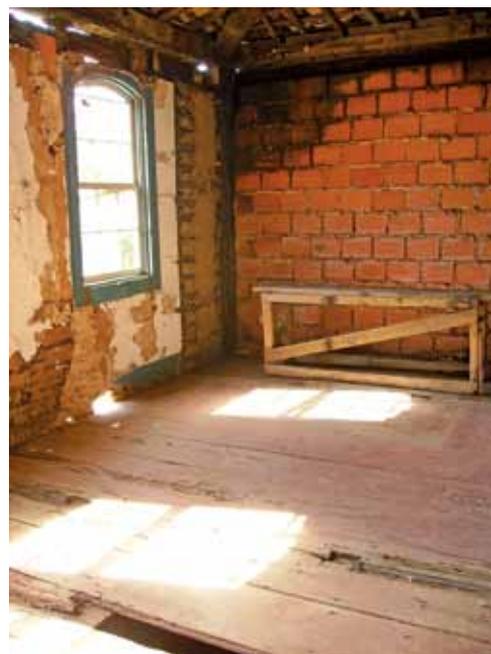
35

Em uma das extremidades desse avarandado localiza-se o acesso principal ao casarão, e na extremidade oposta, situava-se a capela (f36). As marcas remanescentes no assoalho (f37) revelam onde ficava o altar, resguardado por uma parede divisória com porta central, ambas também extintas. O altar, como aparece em fotografia fornecida pelo proprietário (f38), alteado sobre um tablado, se integrava ao retábulo com o mesmo tom de azul, recebendo ornatos entalhados em forma de frisos, cantoneiras, festão e florões dourados. Emoldurando o nicho, arco pleno e meias colunas caneladas de ordem compósita, e no forro, o detalhe de uma bela rosácea esculpida. Contíguo à antiga capela, o vão de janela em verga reta com duas bandeiras em treliça (f36) permitia que os moradores da fazenda se acomodassem próximo ao altar para assistir ao ritual.

Ainda no avarandado frontal, três portas dão acesso ao corpo da casa. A primeira leva ao primeiro dos oito quartos, passagem para a sala de jantar, que mantém a marca no piso da existência de uma parede que o dividia com um corredor (f39). A segunda porta conduz a outro quarto que se comunica com a sala de estar. Este também apresenta, no piso e no forro, evidências do antigo espaço ter sido uma alcova e de que a comunicação com o antigo corredor era feita através de um vão de janela, hoje fechado com alvenaria (f40).



36



37



38



39



40

A terceira porta do avarandado conduz à sala de estar (f41), e contíguos a ela, o quarto com visão para a capela e a sala de jantar, cujo acesso pode ser feito diretamente pelo exterior. Desta sala, tem-se acesso ainda ao *hall* interno de distribuição, aos outros três quartos e à copa.

Junto ao espaço da antiga copa (f42), que foi ampliada por volta dos anos de 1970, estão mais dois quartos e as instalações de serviço, como cozinha, despensa, dois banheiros e área de serviço (f43).

No pavimento inferior, o porão apresenta sólidas estruturas de colunas em pedra insossa (f44) e pilares de madeira de seção quadrada. O amplo espaço tem piso de terra e recebeu fechamento em alvenaria, criando um cômodo para depósito de selaria, farmácia para animais e ferramentas. Através da observação dos furos nos barrotes (f29), acredita-se que o porão era subdividido em compartimentos fechados por paredes de pau a pique.

O grande galpão na baixada possui estrutura de concreto pré-moldado (f45), com fechamento em meia parede de tijolos maciços, com cobertura de telhas de amianto. As ruínas do antigo moinho, os tanques de café, rancho e curral desativado estão entre o matagal.



41



42



43



44



45

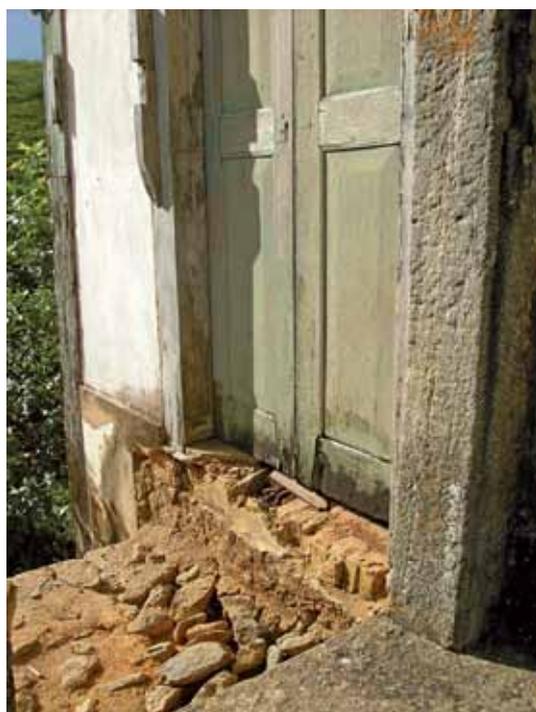
A fazenda, que não é habitada, revela em suas arquiteturas um grau elevado de degradação decorrente do abandono e da ação danosa do tempo.

No acesso ao avarandado da casa-sede – local da antiga escada de acesso – a rampa em terra fofa mostra as consequências causadas pela retirada indevida dos degraus, do patamar e da soleira, em blocos de pedra (f46 e f47).

No que diz respeito ao madeiramento, o telhado encontra-se comprometido em razão das infiltrações descendentes (f48), da ação de insetos xilófagos e presença de morcegos. Os cunhais e o beiral apresentam falhas e apodrecimento da cimalha, com complementação de tábuas sem a proteção do revestimento de tinta (f49). Alguns barrotes apodrecidos pelo tempo não cumprem mais suas funções; os esteios receberam reforço com base em concreto, as madres e os frechais também estão deteriorados.



46



47



48



49

No embasamento também se observa a infiltração ascendente. Em alguns trechos, as paredes estruturais de pau a pique estão em exposição direta às intempéries (f50) em função do descolamento do emboço de argamassa de terra, areia e cal. As paredes com sujidades demonstram em quase todos os cômodos o comprometimento com rachaduras (f51) e fissuras devido aos recalques estruturais; parte da parede do quarto junto à copa está em ruínas (f52), e algumas paredes externas foram refeitas em alvenaria mista (f53). As esquadrias externas estão deterioradas (f54): algumas sem a guilhotina, outras emperradas, e a ausência de manutenção acelera ainda mais esse processo. As janelas geminadas da fachada frontal receberam novos caixonetes (f55) durante uma reforma inacabada.

Grande parte do assoalho está em estado avançado de degradação (f56), com desnivelamentos e áreas com ausência de piso, os quais põem em risco a segurança das pessoas. Rodapés e arremates em madeira também estão danificados por cupins (f57).



50



51



52



53



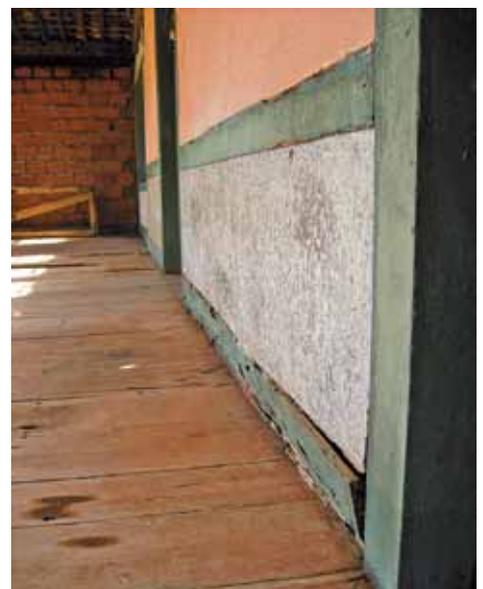
54



56

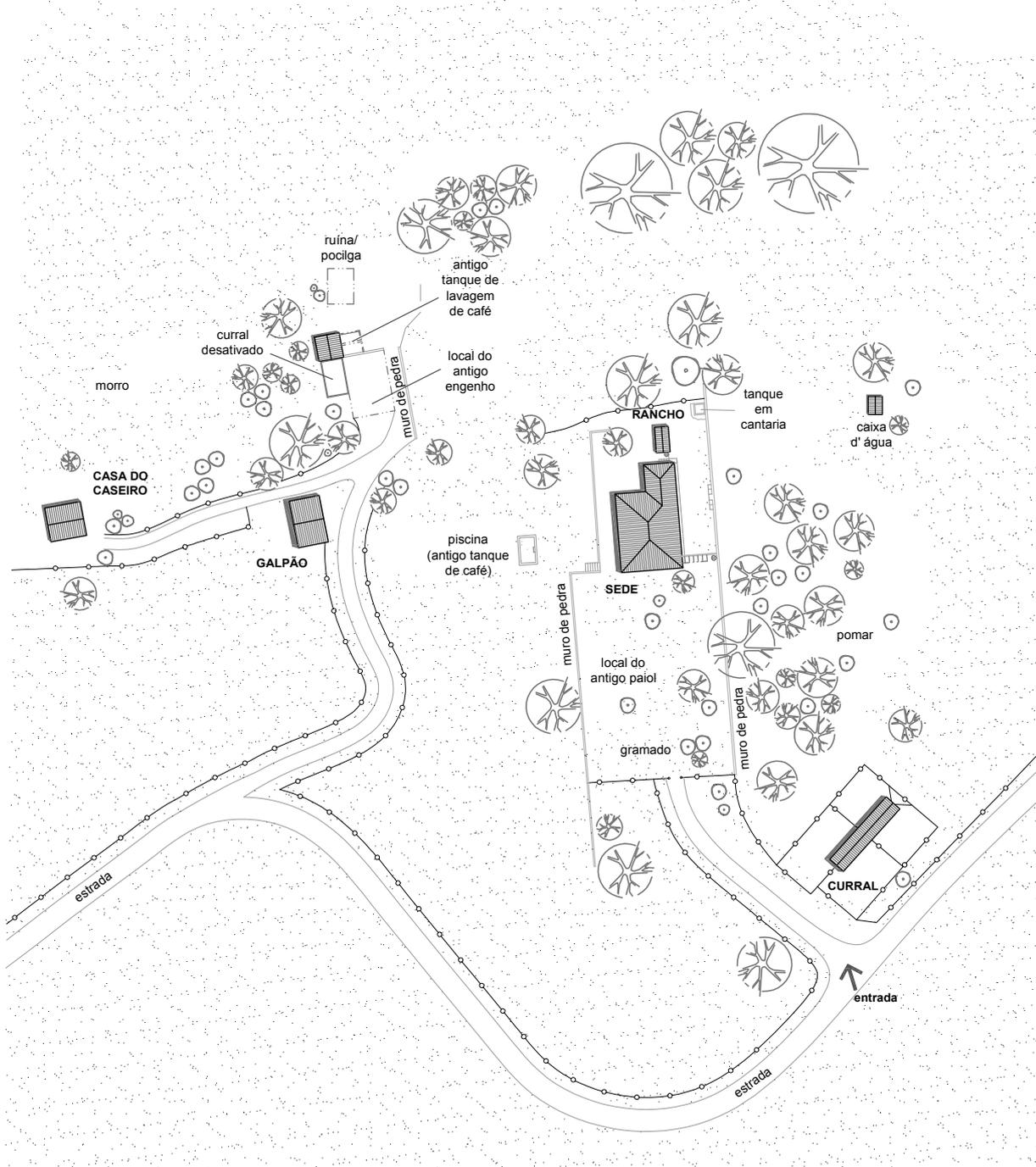


55



57

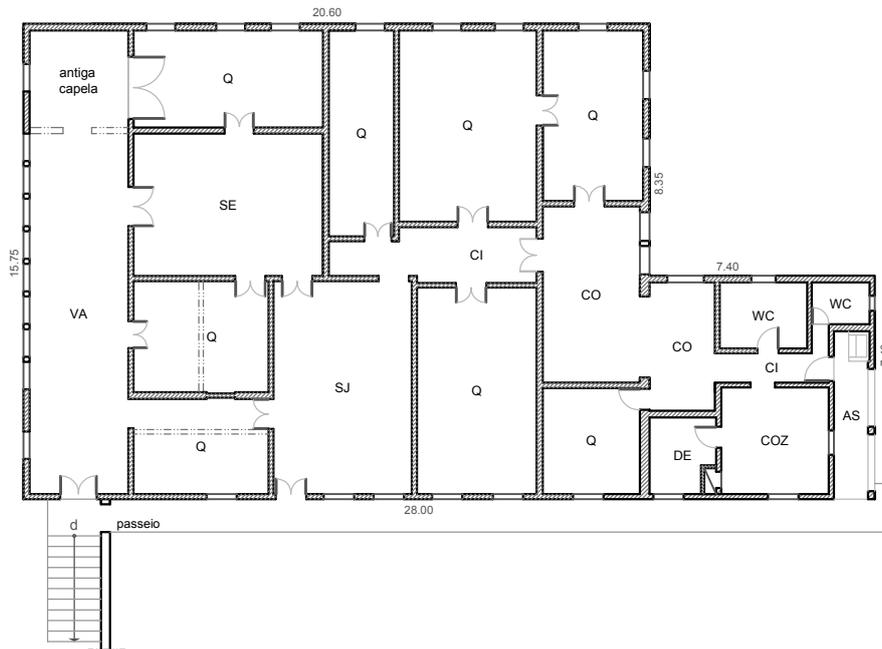
FAZENDA BOM RETIRO



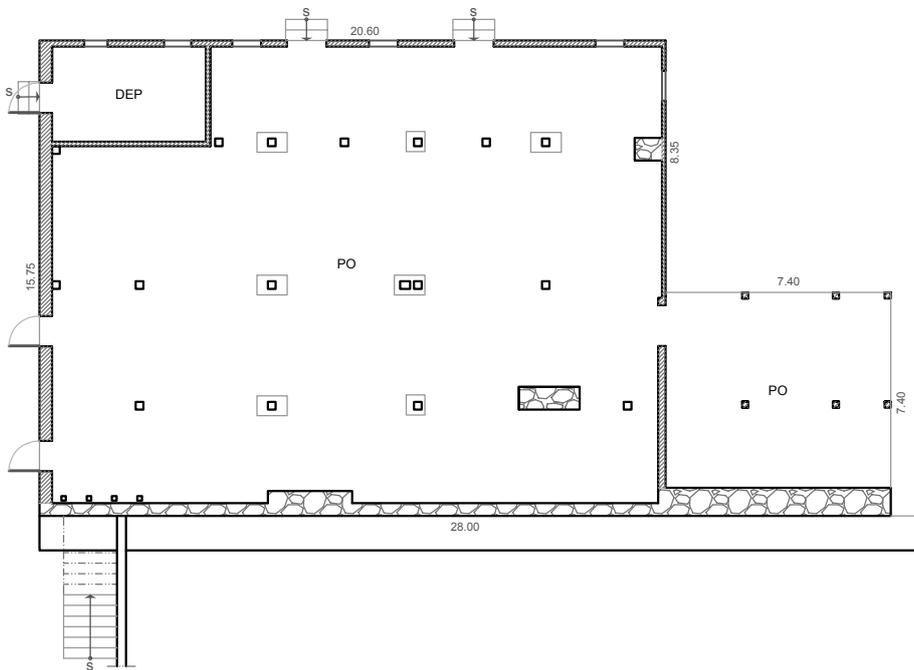
1 Implantação
escala: 1/1750



FAZENDA BOM RETIRO



2 Planta Baixa da Sede - 1º Pavimento
escala: 1/250



1 Planta Baixa da Sede - Térreo
escala: 1/250



AS - area de serviço CO - copa DEP - depósito PO - porão SE - sala de estar VA - varanda
 CI - circulação COZ - cozinha DE - despensa Q - quarto SJ - sala de jantar WC - banheiro

▨ alvenaria existente
 ▤ alvenaria demolida

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

AV- F05 - Sap

2/2

equipe:
 Sonia Mautone Rachid / J. Roberto M. Ribeiro / Marcos Vinícius

desenhista:
 Marcos Vinícius Silva Gomes

revisão:
 Francyla Bousquet

data:
 abr 2010

Em 1855, quando foi feito o Registro Paroquial de Terras da Fazenda, a fazenda em questão constava apenas sob o nome de “Fazenda Retiro”. Nesta ocasião, era seu proprietário João de Bastos Pinheiro e a fazenda pertencia à jurisdição da Freguesia de São José do Rio Preto, na época, município de Paraíba do Sul.

Em 1878, constava como propriedade de João Pereira da Silva, com a nova denominação de “Retiro de Santa Rita”¹. Em 1920, aparecia com o nome de “Fazenda Bom Retiro”, se tornando propriedade de Manoel Gomes Jardim.

Segundo relatos², em meados do século XIX, um dos proprietários da fazenda veio a falir, perdendo a propriedade para o Banco do Brasil. Com aproximadamente 600 hectares de terra, a fazenda produzia diversos gêneros alimentícios, de plantações a criação de animais, com uma ceva de porcos com mais de 300 cabeças.

Apesar disso, a fazenda se mantinha com a grande produção de cachaça de seus extensos canaviais. Possuía um alambique de três pavimentos, construído em adobe e pau a pique, que ficava localizado no sopé do morro, onde os platôs com arrimos de pedra se distribuíam até a área acima do casarão. Dentre as inúmeras edificações, constava ainda uma usina de força, um hospital para os trabalhadores e mais de sessenta casas de colonos, que movimentavam a produção.

Por ocasião da posse da fazenda pelo Banco, um de seus diretores se dirigiu para a região à procura de alguém que entendesse do ofício no alambique, e fica conhecendo o português Manoel Gomes Jardim, que, chegando ao Brasil, se instalou no arraial próximo à fazenda. Ali administrava um armazém, porém trouxe de sua terra natal, algum conhecimento na lida com a destilaria.

O convite foi então feito, e Manoel, se sentindo desafiado, se lançou na empreitada, resultando no final de um mês uma grande produção. O diretor do Banco, percebendo que com tal conhecimento na lida do alambique a fazenda se reergueria, induziu o português a financiar a compra da Fazenda Bom Retiro. A fazenda retomou a produção e o seu apogeu, tendo diariamente mais de oito carros de junta de boi puxando cana para o engenho. Manoel constituiu família, somando-se uma prole de quatro filhos. O primogênito, Manoel Gomes Jardim Júnior, nascido em 1908, herdou a fazenda e, após a sua morte, sua filha assumiu o patrimônio.

A Fazenda Bom Retiro, destinada à produção de café, até hoje conserva as canaletas e os tanques de pedra para a lavagem dos grãos, seu grande largo frontal – provável terreiro de secagem do café – e diversos platôs com arrimos em pedra seca. Registros deste período, entretanto, não foram encontrados.

Fonte:

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, INDÚSTRIA E COMERCIO: DIRECTORIA GERAL DE ESTATÍSTICA. Relação dos Proprietários dos Estabelecimentos Ruraes Recenseados no Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Typ. Da Estatística, 1922. p. 403.

¹ As informações destes parágrafos foram obtidas no periódico Almanaque Learmmert, entre os anos de 1855 e 1880. <<http://www.crl.edu/brazil/almanak>>, visita em 11.06.2010.

² Informação verbal fornecida pelo Sr. Evaldo de Freitas Álvares.